

A NARRATIVA DE TUCÍDIDES: ENTRE *EROS* E POLÍTICA

Lyvia Vasconcelos Baptista

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Departamento de História

Natal, v. 22, n. 38
Maio-Ago. 2015, p. 13-30

Princípios
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109



Resumo: O artigo pretende discutir a relação entre os elementos político e erótico na Grécia Clássica, a partir da análise do uso do termo *eros* e seus cognatos em algumas passagens da obra de Tucídides. Desta forma, a Oração Fúnebre de Péricles, os discursos de Diódoto e Nícias e o relato do plano tiranocida de Harmódios e Aristogíton são destacados, como momentos emblemáticos para a compreensão do pensamento político veiculado pela *História da Guerra do Peloponeso* vinculado aos impulsos emocionais do *demos*.

Palavras-chave: Política; Eros; Historiografia; Grécia Clássica.

Abstract: The article discusses the link between political and erotic elements, in classical Greece, considering the presence of *eros* and its cognates in some passages of Thucydides' narrative. Thus, the Funeral Oration of Pericles, the speeches of Diodotus and Nicias and the tyrannicidal plan of Harmodius and Aristogeiton are marked as emblematic moments for understanding the political thought showing by *The History of the Peloponnesian War* associated to the *demos*' emotional impulses.

Keywords: Politics; Eros; Historiography; Classical Greece.

Como parte da experiência religiosa dos gregos existem textos que tentam dar conta do reconhecimento das potências primordiais, anteriores ao reinado de Zeus, que nós conhecemos como Cosmogonias. Na verdade, trata-se de um conjunto de narrativas de múltiplas tradições, mais do que um corpo rígido de conhecimentos absolutos¹. Nelas, encontramos quase sempre um papel de destaque atribuído a Eros, “o mais bonito dentre os deuses” (*Teogonia*, v.120). Na tradição hesiódica (VII a.C.) Eros aparece ao lado de Gaia e Caos, compondo a tríade primordial. Quando Afrodite nasce², responsável pela união sexual, Hímeros (Desejo) e Eros ajustam-se à deusa. Mais velho que Afrodite, Eros é uma potência geradora anterior à divisão dos sexos, mas passa a ser assistente da deusa que dirige suas flechas (Vernant, 2001, p. 246). O “golpe de Eros” será tema de muitas performances no teatro grego, de textos poéticos e de iconografias e se manifestará em espaços específicos da sociedade grega clássica³.

Fora do contexto mitológico, *Eros* se torna uma palavra associada ao amor erótico, uma tradução, entretanto, que tende a ser cada vez mais problematizada e enriquecida por um corpo de especialistas preocupados em discutir a especificidade dos contextos nos quais a palavra aparece e seus sentidos diversos.

¹ Jean Pierre Vernant discute as tradições divergentes de alguns mitos cosmogônicos que fazem referência a potências como: Oceano, Tétis, Noite (*Nyx*), Escuridão (*Skótos*), Nada (*Kháos*), entre outras (Vernant, 2001, p. 239).

² Afrodite é concebida após a castração de Urano pelas mãos de Crono. Segundo Vernant, “por muito tempo carregado sobre as vagas espumantes de Onda, o sexo cortado de Urano mescla à espuma marinha que o cerca a espuma do esperma saído de sua carne. Desta espuma (*aphrós*) nasce uma filha que deuses e homens chamam de Afrodite. Assim que põe os pés em Chipre, onde aporta, Amor e Desejo (*Eros*, *Hímeros*) fazem seu cortejo. Sua atribuição, entre os mortais e os imortais, são as conversas de meninas, os sorrisos, os ardis (*exapátai*), o prazer, a união amorosa (*philótēs*)” (Vernant, 2001, p. 251).

³ Claude Calame (2013) analisa a figura de Eros a partir das manifestações simbólicas das potências do amor na Grécia Antiga.

Desta forma, a pergunta – o que é *eros*? – não pode ser rapidamente respondida, ainda que tenha sido colocada frequentemente.

***Eros* na tradição literária da Grécia Antiga**

Em 2009, a Universidade de Londres sediou um Simpósio especificamente sobre “*erôs* na Grécia Antiga”, cuja principal atividade foi discutir questões referentes a *Eros* (divindade) e *eros* (emoção, sentimento), já que eles não se confundem, mas não podem ser isolados. *Eros* (emoção) equivaleria ao amor romântico e ao desejo sexual, sentimentos que para a tradição moderna ocidental podem ser complementares, mas não se confundem. Portanto, estaríamos distantes do sentido mesmo da palavra no grego antigo (Sanders; Thumiger, 2013, p. 4). Esse é um problema de referência que não vai ser resolvido aqui, mas que pode ser discutido a partir da análise dos diferentes usos e sentidos do termo em contextos mais específicos.

David Konstan (2013, p. 13) demonstra como na tradição grega clássica o *eros* muitas vezes é representado em conexão com situações extremas – delírio, doença e destruição. Na literatura, o sujeito do *eros* é geralmente um homem adulto, cidadão e seu objeto de desejo engloba, tipicamente, mulheres adultas ou jovens e garotos. O termo é frequentemente associado a situações perigosas, já que é intenso e tende ao excesso, podendo também estar ligado ao fator transgressivo. Na Grécia clássica existiam muitas palavras que nós podemos traduzir como amor: *aphrodisia*, *epithymia*, *himeros*, *pothos*, *storge*, *philia*, e *eros* é uma delas. O que elas significam, depende muito do contexto que são empregadas (Konstan, 2013, p. 14).

Na poesia homérica o campo semântico de *eros* é consideravelmente extenso. Ligado ao elemento erótico, na *Odisseia*, Penélope seduzia seus pretendentes com *eros*: “Quando se aproximou dos pretendentes, [...] Os joelhos dos mancebos afrouxaram. *Eros* lhes arrebatou o coração, ardentes por reclinar em seu leito” (*Odisseia* 18. 212-14). Paradoxalmente, em algumas cenas que

descrevem o amor sexual, o ato é denotado pelo verbo *mignumi* (misturar) e o amor erótico ou desejo que acompanha o intercuro é *philotes*. (*Ilíada* 3. 445; 3. 48; 3. 55; 3. 73; 3. 453).

Paul Ludwig, discutindo o uso de *eros* no discurso político, analisa referências na poesia arcaica, especialmente nas obras homéricas. Segundo o autor é notável ver como Páris teve o diafragma tomado por *eros*, quando se interessou por Helena (*Ilíada* 3). Mas, em uma passagem da *Ilíada*, o personagem lembra quando se “fundiu” a Helena na cama por *philótēs* e diz que ainda naquele momento a deseja (*eramai*, um dos cognatos de *eros*) (*Ilíada* 3.441). Em Homero, *eros*, quando aparece no contexto romântico-erótico, afeta literalmente os pulmões, considerado o local das sensações e do pensamento. A união sexual, entretanto, é mais matéria de *philotes*. Por esse motivo, quando Hera quer conquistar Zeus, pede a Afrodite *philotes* e *himero* (*Ilíada* 14. 198, 215), não *eros* (Ludwig, 2002, p. 125).

Nos poemas, os usos do termo, incluem também contextos totalmente não sexuais. A *Ilíada* faz referência ao desejo saciado (*ex eron hento*) de comer e beber (*Ilíada* 1. 469). Em outra passagem, Príamo, o rei de Troia, expressa seu *eros* por meio de lágrimas, depois da morte do filho Heitor (*Ilíada* 24. 226-7), numa lamentação intensamente apaixonada. Outro exemplo aparece quando Menelau, avançando contra os troianos, afirma que seus inimigos são insaciáveis quando o assunto é guerra, assim como são igualmente “insaciáveis para dormir, amar (*philotes*), dançar [...] em tudo eles desejam satisfazer seu *eros* (*Ilíada* 13. 636-9). Assim, o *eros* homérico de um desejo específico passa a ser um desejo por qualquer coisa. Claude Calame (2013) faz uma definição entre usos “erotizados” dos cognatos de *eros* na lírica arcaica e os usos metafóricos, que envolvem a referência política, principalmente na associação entre *eros* e tirania, que será encontrada também em autores posteriores.

Eros também aparece na poesia trágica ática no período clássico, em referências muito genéricas. Segundo Paul Ludwig

(2013, p. 131), um grande número de objetos de desejo é apresentado, de forma aleatória ou banal. Mas *eros* é uma paixão trágica por excelência e “os tragediógrafos erotizam qualquer objeto de desejo que pode causar no protagonista a mudança de sua Fortuna/Sorte” (Ludwig, 2013, p. 132).

Na *Antígona*, de Sófocles, *eros* aparece como algo que precede a caída em desgraça da protagonista. Noiva de Hemon, filho do rei, é condenada pelo próprio tio (e pai de seu noivo) a ser enterrada viva por tentar sepultar seu irmão com as próprias mãos. O noivo, antes de cometer suicídio, tenta defendê-la sem sucesso e nesse momento o coro professa:

há rusga em que Eros se frustrar? Eros, enreda-reses, anoiteces à face flébil na núbil, ocupas, transmarino, o casebre campesino. Imortal não há, tampouco homem – ser-de-um-dia – imune ao teu desvario. Incriminas quando enublas o seu caminho, suscitais discordância consanguínea [...] (v. 781-800).

Assim, os desejos cívicos de Creon, o rei, parecem identificados e motivados pela ação irrefletida de *eros*, na medida em que seria essa potência responsável pela querela estabelecida. De qualquer forma, já vemos o elemento político sendo justaposto à Sorte pessoal (Ludwig, 2013, p. 134).

Eros e seus cognatos também são usados para representar os assuntos políticos nas associações entre o desejo e a tirania. Para descrever as circunstâncias que levaram os persas ao domínio da Ásia, Heródoto de Halicarnasso (V a.C.) conta que os medos foram os primeiros a confrontar a dominação dos assírios na região. Dentre eles, Deioces aspirava ardentemente à tirania (*erastheis tyrannidos*) e fez muito para alcançá-la (*Histórias* 1.96.2). Em outro momento da sua *História*, Heródoto conta como a filha de Periandro tentou convencer seu irmão Licofron a retornar a Corinto e assumir o papel de seu pai, já preocupado com a sucessão do poder. Na passagem, ela diz: “Tirania é uma coisa instável e ela tem muitos amantes [*erastai*]” (*Histórias* 3.53.4) É

dentro desse quadro de referências que Tucídides de Atenas compõe a sua *História da Guerra do Peloponeso*, ciente de alguns usos e sentidos do termo que circulavam na época.

Eros na narrativa tucidideana

Não menos que Platão e Aristóteles, Tucídides é um personagem central para a discussão sobre o mundo grego clássico. Seu modelo de escrita da história, baseado na criteriosa avaliação das testemunhas, serviu como referência para a historiografia do século XIX, numa época em que a ciência histórica acreditava que podia contar o passado tal como ele realmente aconteceu. Apesar da perda da confiança nessa fórmula e consequente problematização da herança tucidideana na historiografia moderna, o autor permanece como um exemplo interessante de composição narrativa, análise e apresentação dos fatos na Antiguidade.

De sua autoria, a obra que nós conhecemos relata a rivalidade entre Atenas e Esparta, junto a seus respectivos aliados, desencadeada entre os anos de 431 a 404 a.C., que acabou envolvendo um número significativo de batalhas e acordos. A sua *História da Guerra do Peloponeso*, como ficou conhecida, descreve detalhadamente os conflitos e os discursos que teriam sido proferidos por personagens e grupos no desenrolar dos acontecimentos. No total, existem nove referências a *eros* e seus cognatos na *História tucidideana*, todas elas usadas em conexão com Atenas. Juntas, essas referências parecem desempenhar um papel importante no tratamento e avaliação do autor sobre a política ateniense do período e é isso que será desenvolvido a partir daqui.

O termo aparece no discurso de três personagens centrais: Péricles (Tucídides 2.43.1), Diódoto (Tucídides 3.45.5) e Nícias (Tucídides 6.13.1). Além disso, uma referência é encontrada na avaliação de Tucídides sobre a disposição dos atenienses em ir para a guerra na Sicília (Tucídides 6.24.3) e cinco aparecem na digressão sobre Harmódios e Aristogíton, com as quais o historia-

dor valida o seu próprio julgamento sobre as ações dos tiranícidas (Tucídides 6.54.1-6.59.1).

O discurso de Péricles

É atribuído a Péricles, o comandante ateniense, um conjunto de medidas que levaram Atenas ao *status* de “império”⁴, após a formação da Liga de Delos e da guerra contra os medos. O “Século de Péricles”, como ficou conhecido pela historiografia, será caracterizado pela transferência do tesouro da Liga para Atenas e pelo gradativo enriquecimento da cidade-estado devido aos tributos de seus aliados. Assim, quando a Guerra do Peloponeso se inicia, em 431 a.C., é inegável a influência do estrategista nas decisões tomadas pelos atenienses.

A obra de Tucídides é o relato mais completo que temos dos acontecimentos envolvendo a atuação política de Péricles e as etapas da guerra entre atenienses, espartanos e os aliados que se dividiram, ao longo das batalhas e movimentos políticos, entre um e outro lado. O historiador informa que, após um ano de guerra, Péricles, o líder das expedições atenienses contra os espartanos, subiu na tribuna e fez uma Oração fúnebre, valorizando os mortos daquela guerra, falando:

Assim, estes homens se comportaram de maneira condizente com nossa cidade; quanto aos sobreviventes, embora desejando melhor sorte, deverão decidir-se a enfrentar o inimigo com bravura não menor. Cumpre-nos apreciar a vantagem de tal estado de espírito não apenas com palavras, pois a fala poderia alongar-se demais para dizer-vos que há razões para enfrentar o inimigo; em vez disso, contemplai

⁴ Segundo Claude Mossé (2008, p. 94), os termos “império” e “imperialismo”, usados para caracterizar “a autoridade exercida por Atenas sobre os aliados da Liga de Delos, remete a conceitos alheios à língua grega. O que inicialmente uniu os gregos em torno de Atenas logo depois da segunda guerra médica foi uma *symmachia*, uma aliança militar, destinada a garantir sua defesa comum contra a volta da ameaça persa. Mas uma aliança militar tinha necessidade de um chefe, de um *hegemon*, e é o termo hegemonia que Tucídides usa para definir a autoridade que os aliados (*hoi symmachoi*) delegam aos atenienses”.

[*theômenous*] diariamente a grandeza [*dynamin*] de Atenas, tornando-se seus amantes [*erastas*] e, quando a sua glória vos houver inspirado, refleti em que tudo isto foi conquistado por homens de coragem cômicos de seu dever. (2.43.2)

Tucídides apresenta uma situação, na qual os cidadãos devem se apaixonar pela *pólis*, contemplando o seu poder diariamente a ponto de morrer por ela como um amante. O termo usado aqui é o masculino acusativo plural de *erastes* – *erastas*.

Se os cidadãos são os *erastas*, a cidade, a sua *pólis* é o *eromenos*. O historiador insere, desta forma, uma referência à prática da pederastia, um tipo de relação entre dois homens que objetivava a formação completa dos cidadãos. As principais regras de comportamento dessa relação homosocial parecem ter prevalecido no período arcaico, mas continuaram sendo parte do jogo social dos gregos nos períodos posteriores. Em geral, *erastas*, homens adultos (mais ou menos 30 anos), experimentando certo nível de educação, encontravam *eromenoi*, jovens atraentes e buscavam cortejá-los. Segundo Mark Griffith (2001, p. 64) o garoto provavelmente sabia como lidar com esse cortejo e os pais ou responsáveis cuidavam para que o adulto interessado fosse confiável; nesse caso, concediam a supervisão do progresso sexual, intelectual e atlético de seus filhos.

Tucídides ainda afirma que, em tempos de paz, enquanto esteve à frente dos negócios públicos, Péricles seguiu uma política moderada, mantendo a cidade segura, “e foi sob seu governo que Atenas atingiu o auge de sua grandeza; depois, quando a guerra começou, parece que ele estimou realisticamente a magnitude da força da cidade” (Tucídides 2.65). Nesse caso, Péricles seria o exemplo de um bom *erasta*, já que atuava ativamente para o engrandecimento e desenvolvimento da cidade e auxiliava positivamente a tomada de decisões.

O debate entre Cleon e Diódoto

A outra referência ao termo encontra-se no livro III, na passagem que coloca em diálogo Cleon e Diódoto. Após a decisão de punir os mitilenenses por terem se revoltado contra a autoridade de Atenas, a questão foi reapresentada numa segunda assembleia. Assim, em 427 a.C., Cleon e Diódoto se enfrentaram num debate retórico no qual o primeiro apoiava a manutenção do castigo e o segundo advogava por um abrandamento da decisão anterior. Os atenienses deliberaram pela anulação da primeira decisão, que condenava a cidade à aniquilação, e enviaram uma trirreme a Mitilene na esperança de que a primeira, saída no dia anterior, não anunciasse imediatamente a decisão já modificada (Tucídides 3.49).

O episódio parece servir a Tucídides como matéria de reflexão sobre o que deve ser a deliberação política.⁵ Segundo Laurent Pernot (2000, p. 65) o processo de Mitilene oferece o exemplo de uma deliberação corrompida, já que levou a decisões diferentes e foi assegurada, depois, por obra do acaso, pois o navio primeiramente enviado atrasou por causa do pouco vento.

Segundo a narrativa tucidideana, na segunda assembleia, Diódoto teria se pronunciado desta forma:

Na verdade tudo leva o homem a desafiar o perigo; [...] atua sobre cada um nas diversas situações em que se encontram. Também a esperança [*elpis*] e o desejo [*eros*] estão por toda a parte; o desejo conduz, a esperança segue; o desejo inspira os planos, a esperança promete os favores da sorte [*tyche*]; os dois causam males terríveis, e sendo invisíveis, mostram-se mais fortes que os perigos visíveis [...]. O homem então superestima irracionalmente sua própria força, porque, cegado seu espírito pela intoxicação que o veneno de uma inesperada Sorte, ou Fortuna, causa, superestima suas forças, abalando-se a enfrentar perigos

⁵ No debate sobre Mitilene, descrito por Tucídides, não assistimos os mecanismos da inteligência e da providência em ação, mas um desencaamento de paixões: “cólera”, “ardor”, durante a primeira assembleia (Tucídides 3.36); depois, “arrependimento” na reunião do dia seguinte (Pernot, 2000, p. 65).

muito além de seus poderes. Quando alcança este ponto, sua ruína está marcada, nada há que impeça seu curso fatal. (Tucídides 3.45.4)

No discurso de Diódoto, a própria natureza humana é sempre suscetível à influência de *eros*, que inspira e incita planos – no caso dos mitilenenses, de liberdade. Assim, não existiria nada que pudesse controlar a força desse desejo, que atinge todos os indivíduos, nem mesmo um poder hegemônico como o de Atenas. O trecho, parece mais uma advertência tucidideana acerca dos eventos que esperam os atenienses. O campo de entendimento está sendo preparado, depois de um período de grande esplendor, quando o desejo e a ambição eram controlados e benéficos para a cidade; um momento posterior que marca a derrota e o fim da própria ideia de *polis* e, portanto, da preponderância da coletividade.

A expedição da Sicília e a influência de eros

A terceira referência aparece no momento em que Atenas abandona o que Tucídides chama de “política moderada” de Péricles, que tinha mantido a segurança da cidade (Tucídides 2.65.5) e planeja expandir o alcance de seu poder além de seus limites e capacidades. Em 415 a.C., depois de um debate na Assembleia realizada principalmente entre Nícias e Alcibiades, é tomada a decisão de lançar uma grandiosa expedição à Sicília, sob o pretexto de vir em auxílio de Egesta contra Selinus (povos que habitam a ilha), mas a intenção por trás desta desculpa, segundo o historiador, era a longo prazo ganhar a posse de toda a ilha. A imprudência da empresa é demonstrada. Tucídides observa: “a maioria deles – os atenienses – era ignorante sobre o tamanho da ilha e o número de seus habitantes, e não percebeu que eles estavam entrando em uma guerra não muito menor do que aquela contra os peloponésios” (Tucídides 6.1.1).

O resultado, depois de uma batalha final, foi uma derrota esmagadora, da qual Atenas não iria se recuperar. Nas palavras de Tucídides:

Em suma, de todos os males a que podiam estar sujeitos homens naquela situação, nenhum lhes faltou [...]. Este evento foi o maior de todos desta guerra e, segundo me parece, de todos os eventos helênicos de que há registro – o mais brilhante para os vencedores e o mais funesto para os vencidos. Estes, derrotados totalmente em todos os sentidos e tendo experimentado as maiores desgraças de um modo geral, sofreram tudo em matéria de desastre, como diz o provérbio; forças terrestres, naus, nada escapou à destruição, e poucos de muitos que eram voltaram a seus lares. Estes foram os acontecimentos na Sicília. (Tucídides 6.44)

Após 413 a.C., o desastre na expedição à Sicília determina a derrocada do poderio ateniense, também em termos ideológicos. É interessante perceber como os acontecimentos envolvendo Atenas, naquele momento, são motivados por força de um *eros* incontrolável. Essa ideia aparece mais claramente no debate entre Nícias e Alcibíades. Argumentando contra a proposta de invadir a ilha, Nícias faz um apelo aos homens mais velhos:

Quando vejo estes jovens sentados aqui atendendo ao apelo desse homem, sinto medo; e faço um contra-apelo aos mais idosos [...] para não mostrarem um apetite mórbido [*dyseros*] pelo que está fora de seu alcance, cientes de que poucos sucessos são obtidos por paixão, mas muitos por moderação. (6.13)

Assim falou Nícias, mas os atenienses votaram a favor da expedição. Nesse caso, é um *dyseros*, um *eros* doente, um *eros* desafortunado, a paixão fatal que guia os homens para a guerra, para o que está fora de alcance, ausente. Tucídides avalia os acontecimentos, informando que os atenienses foram persuadidos por Alcibíades, principalmente porque “um forte desejo de partir apoderou-se [*eros enepese*] de todos indistintamente – dos mais idosos por pensarem que conquistariam os lugares para os quais

iriam navegar [...], daqueles na flor da idade, pela ânsia de ir a terras distantes e ver novidades” (Tucídides 6.24).

Incentivados por Alcibíades, o transgressor da cidade – depois acusado publicamente de ter mutilado estátuas junto a outros jovens embriagados e de ter praticado uma paródia dos rituais dos mistérios em sua residência (Tucídides 6.28), desrespeitando as leis da cidade de proteção do sagrado –, os atenienses deliberaram o futuro da coletividade. O trecho parece indicar a que ponto chegou a política dos atenienses, que cada vez mais deixavam as paixões particulares influenciarem as decisões do conjunto.

Eros e os tiranicidas

As últimas referências a *eros* aparecem na digressão que envolve a trama para matar o tirano ateniense. Após informar sobre o envolvimento de Alcibíades e alguns soldados nos crimes de profanação dos mistérios, tendo o primeiro que apresentar a sua defesa, Tucídides faz uma reflexão sobre o impacto das ações políticas no imaginário dos atenienses, sempre cuidadosos com as aspirações à tirania. Segundo o historiador, os atenienses sempre temeram ações que indicavam tentativas de centralização do poder, por isso, suspeitavam de tudo (Tucídides 6.53). A partir daí, o autor começa a discorrer sobre o tempo do tirano Pisístrato e de seus filhos e sobre o feito de Harmôdios e Aristógiton que, segundo ele, começou com uma disputa amorosa e resultou no início do fim da tirania.

O tirano Pisístrato foi sucedido por seu filho Hípias. O outro filho, Híparcos, tentou seduzir sem êxito Harmôdios, que tinha como amante Aristógiton. Como Híparcos pertencia à família que estava no poder e, portanto, tinha prestígio social, Aristógiton, magoado, temia que Harmôdios lhe fosse tomado. Por isso, usando de sua influência, tramou a extinção da tirania. Eles planejaram um ataque aos tiranos e outros companheiros deveriam acompanhá-los. No dia do festival das Panateneias, quando o plano deveria ser executado, os amantes viram um de seus colaboradores

conversando com Hípias, que se mostrava acessível a todos, segundo Tucídides (6.57), e, pensando que poderiam ser denunciados, avançaram imediatamente para dentro das portas da cidade, golpeando e matando Híparcos. Em seguida, Aristógiton conseguiu correr junto com a multidão, mas foi pego e tratado de maneira violenta. Harmôdios foi morto no próprio local. Hípias ordenou que os soldados empunhassem as armas e isolou todos os que julgava culpados. Depois disso, a tirania dos pisistrátidas duraria ainda três anos, tornando-se mais penosa aos atenienses. Finalmente, a tirania teria sido derrubada pelos lacedemônios (Tucídides 6.54).

O sujeito da digressão no caso dos tiranicidas Harmôdios e Aristógiton é, acima de tudo, *eros*. Mais do que uma história heroica de amor, o caso é apresentado destacando um regime em ruínas, abandonado aos desejos privados e ao impulso emocional. Segundo Tucídides, “foi assim que uma afronta amorosa inspirou, em relação a Harmôdios e Aristógiton, a ideia inicial de uma conspiração, e que um receio súbito provocou aquela audácia irrefletida” (Tucídides 6.59).

A narrativa coloca em destaque a paixão individual e a ação política de um *erastes* – Aristógiton, o cidadão mais velho com recursos e influência social – e um *eromenos* – Harmôdios, “no apogeu de sua beleza juvenil” (Tucídides 6.54). No relato, vemos a ideologia democrática associada ao *eros* pederasta. Os amantes são descritos como ativos, autocontrolados e vigorosos, unidos por uma relação de mutualidade e reciprocidade, mas, socialmente, não iguais. O tirano, pelo contrário, é insaciável, coloca-se sempre à frente dos interesses dos cidadãos.

Conclusão

As circunstâncias que envolvem os acontecimentos discutidos acima representam estágios distintos da participação de Atenas na Guerra do Peloponeso, mas refletem também a própria disposição psicológica dos atenienses com relação à sua política e quanto ao

bem comum dos cidadãos. Segundo Catherine-Élisabeth Côté a análise dos usos de termos vinculados a *eros* é apropriado para a discussão do imperialismo ateniense, por exemplo, pois “Tucídides cuidadosamente traça as mudanças no caráter dos atenienses ao longo da Guerra do Peloponeso, destacando a interação entre o *demos* e o líder” (Côté, 1997, p. 2-3). Assim, o tratamento que Tucídides dá às ações e discursos de Péricles anuncia um período – talvez devido à própria política controlada do seu líder principal –, no qual os atenienses não são controlados pelos impulsos emocionais individuais. Já no debate de Mitilene, o *demos* é caracterizado como irresoluto. Cleon e Diódoto ilustrariam, dramaticamente, a deterioração da liderança ateniense e, no tempo de Alcibíades, o *demos* parece totalmente sujeito ao controle de *eros*, sendo a digressão que envolve os feitos de Harmôdios e Aristógiton o exemplo mais explícito dessa mudança de ânimo (Côté, 1997, p. 115).

A evidência de referências eróticas em textos poéticos, retóricos, filosóficos e históricos sugere a existência de uma longa tradição poética e retórica de um *eros* não-sexual ou suprassexual, agrupando formas diferentes de impulso emocional. Talvez o ponto mais importante a ser colocado, considerando a análise da perspectiva política, seria aquele que nos permitisse compreender como o uso dos sentidos atribuídos a *eros* nos textos da Antiguidade clássica poderia evidenciar a percepção de autores como Tucídides acerca dos acontecimentos, da política e das transformações históricas.

Obviamente, tal questionamento encontra algumas dificuldades, apresentadas de forma muito lúcida por Paul Ludwig, dentre as quais podemos destacar: 1) as palavras são usadas em um contexto narrativo que nunca conseguiremos recriar totalmente, por mais que nos aproximemos da diversidade de seus sentidos; 2) mesmo se uma conexão literal entre a paixão erótica e a paixão política pudesse ser demonstrada, muito do pensamento grego sobre *eros* e sobre as motivações humanas, em geral, depende das crenças religiosas que os teóricos modernos também não podem compreen-

der completamente, limitados pela forma de pensar o religioso e o político do nosso próprio tempo (Ludwig, 2002, p. 122-123).

Assim, longe de traçar um estudo sistemático de apresentação das formas e sentidos atribuídos a *eros* na narrativa tucidideana, este estudo pretendeu fornecer elementos para reflexão sobre o pensamento político veiculado na escrita da *História da Guerra do Peloponeso*, a partir das referências eróticas que aparecem em contextos diferentes e emblemáticos.

Referências

Documentos textuais

HERODOTUS. *The Persian Wars*. Trad. A. D. Godley. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2006.

HESIOD. *Theogonia*. Trad. Genn W. Most. Cambridge: Harvard University Press, 2006.

HOMERE. *Iliade*. Trad. Eugène Baret. Paris: Libraire, 1843.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: 34, 2011.

SÓFOCLES. *Antígone*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

Obras gerais

CALAME, Claude. *Eros na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CONDILO, Camila da Silva. O papel dos tiranicidas na constituição da identidade democrática em Atenas. *Clássica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos* – publicação da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. v. 20, n. 1, jan.-jun. 2007, p. 78-92. Disponível em: < <http://revista.classica.org.br/classica/article/view/135/125> >. Acesso em: 25 jul. 2015.

CÔTÉ, Catherine-Élisabeth. *The significance of Eros in Thucydides' Portrayal of Athenian Imperialism*. Master of Arts in Classical Studies at the University of Ottawa, 1997.

GRIFFITH, Mark. "Public" and "Private" in Early Greek Institutions of Education. In: TOO, Yun Lee (Ed.). *Education in Greek and Roman antiquity*. Leiden: Brill, 2001. p. 23-84.

LUDWIG, Paul W. *Eros and polis: desire and community in Greek political theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

KONSTAN, David. Between Appetite and Emotion, or Why can't animals have erôs? In: SANDERS, Ed; THUMIGER, Chiara; CAREY, Chris; LOWE, Nick J. (Ed.). *Erôs in Ancient Greece*. Oxford: University Press, 2013. p. 13-26.

MOSSÉ, Claude. *Péricles: o inventor da democracia*. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Amizade, amor e eros na *Ilíada*. *Humanitas*. Coimbra, v. XLV, 1993, p. 3-16. Disponível em: < http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas45/01_Rocha_Pereira.pdf >. Acesso em: 25 jul. 2015.

PERNOT, Laurent. Aristóteles e seus precursores. Para uma arqueologia do discurso deliberativo. *Letras Clássicas* – publicação do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo. n. 4, p. 63-76, 2000. Disponível em: < <http://www.revistas.fflch.usp.br/letrasclassicas/article/view/642/569> >. Acesso em: 25 jul. 2015.

SANDERS, Ed; THUMIGER, Chiara; CAREY, Chris; LOWE, Nick J. (Ed.). *Erôs in Ancient Greece*. Oxford: University Press, 2013.

SOUSA, Luana Neres de. A pederastia ateniense no período clássico: uma análise do Banquete de Platão e de Xenofonte. In: ANPUH. *XXV Simpósio Nacional de História*. Fortaleza, 2009.

SARAH MILLER: *History, Myth, and Audience in Thucydides: Harmodius and Aristogeiton*. A thesis submitted to the faculty of the University of North Carolina at Chapel Hill, 2008.

VERNANT, Jean-Pierre. *Entre mito e política*. São Paulo: EDUSP, 2001.

Artigo recebido em 25/07/2015, aprovado em 29/07/2015